

HOMENAGEM AO MAIOR JORNAL MINEIRO

Victor Nunes Leal

Na já distante juventude, fui redator no grupo dos Diários Associados. Bastou isso ao Presidente Vivaldi Moreira para me incluir entre os oradores na homenagem da Academia Mineira de Letras pelos cinquenta anos do maior jornal da nossa gente, o Estado de Minas, aliás um dos mais sólidos e prestigiados do Brasil.

Só por acanhamento não declinei da honra, pois minha mais remota lembrança — e muito vaga — desse jornal agora tão conhecido data da segunda fase de sua existência, do final de 1933, e de uma perspectiva longínqua, a do estudante carangolense, que olhava, do Rio de Janeiro, por uma fresta, para Belo Horizonte, que ele nem conhecia. Por uma fresta, esclareço, porque ao tempo o que me interessava era manter meu emprego, o primeiro, para prosseguir no curso jurídico, sem a menor idéia de que algum dia viesse a escrever ou discursar sobre uma das folhas associadas.

Dario de Almeida Magalhães, que havia consolidado profissional, administrativa e financeiramente o Estado de Minas, mudara-se para o Rio, a fim de reabrir e dirigir O Jornal, que tinha sido tomado de Assis Chateaubriand, na bruta, por obra e graça de João Alberto Lins de Barros.

A pedido de Pedro Batista Martins (a quem Dario havia substituído no cargo de Advogado Geral do Estado), fui admitido como repórter de setor — Tribunal de Apelação —, de onde passei, nas primeiras férias forenses que se seguiram, para a redação, confiado à perícia pedagógica do secretário Carlos Eiras e do sub-secretário Victor do Espírito Santo, sob cuja censura redigi minha primeira notícia.

Lã, e depois no Diário da Noite e na Rádio Tupi, do mesmo grupo, conheci outros jornalistas — alguns deles escritores da melhor qualidade. Austregésilo de Ataíde, Jayme de Barros, Genolino Amado, Rubem Braga, Antônio de Alcântara Machado, Carlos Cavalcanti, Emil Farhat, David Nasser, Bezerra de Freitas, Arnon de Melo, Hugo Gouthier, Geraldo de Freitas, José Jobim, Carlos Rizzini, Frederico Barata, Lincoln Nery, Caio de Freitas, Pedro Lima, Teófilo de Andrade, Raimundo Ataíde, Aires de Andrade, Azevedo Marques, e tantos outros, muitos dos quais meus amigos pelo resto da vida.

O que mais tínhamos, na redação, era a presença de Chateaubriand, fascinante mas tumultuária e frequentemente explosiva. Com ele contrastava, pelo comedimento e aparente frieza, Dario Magalhães, cujo pulso firme — sabia-se — continha muitas vezes o voluntarismo do outro. Chateaubriand assim o retratava, em homenagem pública, seis anos depois:

"Desde o Rio Grande do Sul até o Ceará, uma rede de jornais, revistas, estações de rádio, recebe da sua inteligência e do seu braço a palavra de ordem. (...) Fora calar a límpida glória desse companheiro não proclamar o poder de coesão, que ele representa, a harmonia que, graças a um sentimento de justiça e de verdade inalteráveis ele exprime em nossos quadros. É que a sua filosofia, como a de um mineiro de tutano, é feita de realidades sensíveis, de espírito de segu-

Três anos mais tarde, em fase de divergência na orientação dos Associados, de que resultou o afastamento de Dario Magalhães, escrevia este a Chateaubriand:

"A minha dedicação aos encargos que me foram atribuídos, a minha resistência a qualquer corrosão, o plano secundário em que coloquei sempre os interesses materiais, a franqueza em manifestar o meu ponto de vista deram-me, dentro da empresa, apesar de ser o mais moço dos seus diretores, uma posição de excepcional força e autoridade, que permitiu conservar-me sempre a cavaleiro de todos os atritos e desgastes".

Este era o homem que se apontava, entre nós, como o esperado salvador das finanças d'O Jornal, que começava do zero e nos pagava parceladamente com "vales", pois já tinha ele realizado igual façanha em Belo Horizonte.

Eis aí como vim a saber, aos 19 anos, da existência do Estado de Minas. O pouco que fixei desta sua primeira fase, até 1933, vem de fontes alheias. Surgiu ele da transformação, em 1927, do Diário da Manhã, adquirido de Augusto de Lima Júnior. Nomes ilustres, ou que assim se tornaram, estão ligados ao nascente Estado de Minas e aos seus anos imediatos: Juscelino Barbosa, Pedro Aleixo, Álvaro Mendes Pimentel, que o dirigiam; Antônio Leal Costa, secretário; Milton Campos, edi-

torialista; Dario Magalhães, redator de tópicos; Cyro dos Anjos, cronista que se assinava Belmiro Borba; Carlos Drummond de Andrade, escrevedor de mil coisas no jornal; Djalma Andrade, Moacyr Andrade, Carlos Castelo Branco, Rubem Braga, Jair Silva, Newton Prates, Luiz de Bessa, Oscar Mendes, Mário Matos, Eduardo Frieiro, Guilhermino César, Aires da Mata Machado Filho, Alberto Deodato, Vivaldi Moreira, Luiz Carlos de Portilho e tantos e tantos que mais espaçadamente ilustram suas páginas ou nelas se projetaram. Sem esquecer os consagrados articulistas de outros jornais associados, cuja colaboração aqui se divulgava ou ainda se divulga, à frente deles Assis Chateaubriand e Austregésilo de Ataíde.

Cinquenta anos passados do seu nascimento, é o mais próspero dos Diários Associados, capitaneando estações de rádio e televisão e ainda o Diário da Tarde. Circula em todo o Estado e fora dele, com uma tiragem que já ultrapassou a centena de milhar.

A seu respeito ouve-se por toda parte um coro de aplausos, a que se junta o desta Casa, como não faltou o do Poder Judiciário, na palavra dos Desembargadores Edésio Fernandes, Erotides Diniz e Pedro Braga. Recolhem esses louvores, pelos companheiros vivos e pelos mortos, seus atuais dirigentes, entre os quais avulta o experimentado e vitorioso Pedro Aguinaldo Fulgêncio, para quem o ofício de fazer jornal não tem segredos.

Os propósitos do jornal — de sobriedade, desambição, firmeza, isenção e independência — foram relembrados por um antigo redator que lhe reproduziu parcialmente o

primeiro editorial, cuja autoria parece ter sido de Juscelino Barbosa.

Quanto à independência, haja vista que os novos editores, tendo à época livres canais de comunicação com o Presidente Antônio Carlos, frequentemente criticavam atos do governo do mais ilustre dos modernos Andradas.

O começo de vida do jornal foi de invencíveis dificuldades, que conduziram à sua cessão a Assis Chateaubriand, em 1929. Milton Campos e Pedro Aleixo é que lhe sugeriram o nome do jovem de 21 anos, Dario Magalhães, para diretor do jornal, o que se transformou logo em ordem, mais do que convite, ao feitio do comandante dos Associados.

Do Rio, para cooperar na sua reorganiza-
ção, vieram o gerente Orlando Dantas (mais tarde, dono e dire-
tor do influente e financeiramente autônomo Diário de Notícias)
e o secretário Mário Magalhães, que substituiu Leal Costa. Mas
não se demorariam esses qualificados assessores, pois a nova
administração podia dar, como deu, tão boa conta de sua tarefa
que a todos surpreendeu.

Dessa fase é o relevante papel que o jour-
nal desempenhou na formação e propaganda da Aliança Liberal ,
com Antônio Carlos, de começo em posição muito discreta, como
conviria a um astuto político mineiro, e depois na sua chefia
ostensiva, em oposição a Júlio Prestes, candidato do Catete à
Presidência da República. A Revolução de 1930, que seria o des-
fecho lógico dessa campanha nacional, cujo estandarte fora em-
punhado por Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba, teve o

caloroso apoio da nova tribuna dos Associados.

O incêndio da revolução também queimaria, no Rio de Janeiro, as instalações do jornal O País, castelo do indefectível governista João Lage. Isso permitiu ao Estado de Minas comprar em leilão, na bacia das almas "carcomidas", uma boa rotativa que muito contribuiu para seu reaparelhamento material. Benefício indireto que teria um jornal de oposição, após vivermos quarenta anos de situacionismo inquebrantável, embora as tentativas rebeldes, cujo estuário foi a vitória armada que sagrou Getúlio Vargas o mais duradouro e ardiloso chefe nacional da República.

De resto, o Estado de Minas possivelmente terá sido mais jornal de oposição que de governo, como se viu em momentos culminantes. Relembre-se o destemido suporte que deu à Revolução de São Paulo, em 1932, na linha do anti-tenentismo de Chateaubriand, que o faria perder O Jornal; apon-te-se a eleição de Dario Magalhães como deputado da oposição, em 1933, pelo só prestígio do Estado de Minas, sem ao menos fazer proselitismo eleitoral; também não se esqueça sua defesa de Antônio Carlos na disputa com o antigo diretor Pedro Aleixo para a presidência da Câmara dos Deputados, em 1936; reveja-se sua campanha presidencial em favor de Armando de Sales Oliveira, que enfrentava o candidato da situação, José Américo de Almeida; venha de novo à memória o combate, nestas montanhas, ao Estado Novo getulista e valadarista, com o histórico relevo que alcançaria o Manifesto dos Mineiros; por fim, a clara tomada de partido do jornal em prol da Revolução de 1964.

É desnecessário ressaltar que não vai

neste brevíssimo retrospecto qualquer insinuação futuroológica, já que, de um lado, seu chefe mais influente no âmbito nacional é o Senador João Calmon, poderoso prócer da Arena, e de outro lado, é de supor que o atilado triunvirato que carrega o jornal no dia a dia — Pedro Aguinaldo Fulgêncio, Camilo Teixeira da Costa e Theódulo Pereira — tenha bastante juízo, no sentido que o linguista político Vitorino Freire atribuiu ao vo cábulo.

A segunda fase do Estado de Minas — va lho-me ainda de lembranças alheias — está vinculada à sucessão revolucionária de Olegário Maciel. Oswaldo Aranha e Virgílio de Melo Franco haviam obtido do Governo Federal que autorizasse a devolução e reabertura de O Jornal, mediante o compromisso escrito de Chateaubriand de se mudar para São Paulo e de não atacar Getúlio Vargas. Virgílio era candidato a Interventor em Minas, e também Gustavo Capanema, que respondia pelo Governo como Secretário do Interior.

Pela participação do primeiro na retomada de O Jornal, então considerado o órgão líder dos Diários As sociados, Afonso Arinos de Melo Franco, hoje um dos luminares de nossa Academia, veio dirigir o Estado de Minas, juntamente com Dario Magalhães. Conquanto fossem velhos amigos, a diarquia, desde logo, não funcionou bem, mas Chateaubriand não con sentiu em que Dario se exonerasse, levando-o para o Rio, com novas funções, como já se mencionou, acumuladas à antiga diretoria do jornal mineiro.

Tornou-se a situação mais tensa com a escolha de Benedito Valadares para Interventor em Minas, fraudando as justificadas e adversas expectativas, tanto de Capane

ma como de Virgílio (cujo ilustre pai, o respeitável estadista Afrânio de Melo Franco, imediatamente deixaria o Ministério das Relações Exteriores). Afonso Arinos, à frente do jornal associado de Belo Horizonte, naturalmente não poderia ocultar o seu desapontamento e revolta. Do conseqüente conflito com a orientação de Chateaubriand — preso ainda ao compromisso de reabertura de O Jornal — resultou a saída de Afonso Arinos, que de imediato fundou e passou a dirigir a Folha de Minas.

Além desse combativo concorrente, que as condições do mercado publicitário não permitiram sobreviver por muito tempo, teria o Estado de Minas de enfrentar depois o aguerrido jornal católico O Diário, cuja significação para tantos nomes ilustres desta Casa foi há pouco recordada nas belas palavras de Oscar Mendes, como tinha sido salientada no primoroso discurso com que João Etienne Filho aqui recebeu o antigo companheiro de pugnas jornalísticas Edgar de Godói da Mata Machado.

É de se notar que desde antes do lançamento do novo jornal, os círculos católicos da cidade haviam sido estimulados contra o Estado de Minas, tomando-se por motivo um artigo de Rubem Braga, malquerença que não se prolongou demasiadamente graças à mediação do patriarca José Carlos de Macedo Soares junto ao Arcebispo D. Antônio dos Santos Cabral.

A terceira fase do grande jornal que ora festejamos começa quando divergências de orientação com Chateaubriand têm seu remate no afastamento de Dario Magalhães do grupo dos Associados, em 1942. Não obstante a duradoura falta de diálogo entre ambos, Chateaubriand, pouco tempo antes de

sua morte, homenagearia o antigo companheiro, dando-lhe o nome a um imponente edifício dos Diários Associados em Belo Horizonte.

De 1942 em diante, consolidado econômica e financeiramente, o Estado de Minas vem aumentando sem interrupção seu peso empresarial, sua expressão como veículo e criador de cultura e sua repercussão política em nossa terra, com a inestimável contribuição das empresas coligadas de rádio e televisão, o que tudo aprofunda e fortalece sua influência no grupo dos Diários Associados.

Esse prodígio bem corresponde ao imprevisto crescimento de Belo Horizonte. É fruto igualmente — e principalmente — da correção, segurança e acuidade das diretorias que se têm sucedido na legião associada de Minas Gerais ; dos respeitados nomes que trazem lustre à sua colaboração; do conceito e da excelência dos profissionais — notáveis, ^{este} retráidos ou obscuros — que multiplicam sem desânimo / milagre, que até hoje me espanta, de fazer circular diariamente um bom jornal.

É fruto igualmente — e chego assim, para alívio comum, ao último parágrafo — da vontade dominadora de Assis Chateaubriand, que tinha a força do oceano bravo, que vai e vem, mas não se deixa dominar. Ele era inspirado e inspirador de ações que o imortalizam, como era capaz — o que é comum na sua escala humana, quase fora da humanidade — de grandes erros que o tempo certamente atenuará. Sobretudo porque seus ímpetos imperiais — que atropelavam quem estivesse na

raia — eram alternados com gestos comovedores de reconhecimento e ternura. Por eles, pelas nobres iniciativas de interesse público e por sua gigantesca realização jornalística, em meio ao indizível sofrimento físico dos últimos anos, é que seu nome será cultuado.

VNL/ck.
20.04.1977

x